

# A GRAMATICALIZAÇÃO DE EM FRENTE A E FRENTE A

Camilla Canella Moraes Luzorio<sup>1</sup>

**Resumo:** *O presente estudo combina a teoria de Gramaticalização com a Lingüística de Corpus a fim de dar conta das mudanças ocorridas em uma estrutura da língua portuguesa denominada 'locução prepositivas'. A teoria da Gramaticalização fornece um arcabouço teórico para explicar os fenômenos de mudança que afetam itens lingüísticos. A Lingüística de Corpus entra nesta pesquisa providenciando a metodologia de observação dos dados, pois à semelhança dos estudos de Hoffman (2005) farei uma investigação baseada em corpora eletrônicos. Nesta análise, investiguei as construções **em frente a** e **frente a** com vistas a compreender se essas formas estão funcionando como as locuções padrão descritas nas gramáticas tradicionais ou se gramaticalizando como uma espécie de conectivo. O questionamento é se são duas formas com funções idênticas, constituindo, assim, o 'princípio de camadas', ou se são itens com diferentes nuances semânticas, constituindo, então, o 'princípio da especialização'. A análise dos dados mostrou que as formas representam camadas quando têm 'colocados' de carga semântica concreta. Além disso, observou-se que a forma **frente a** apresenta especialização, pois admite 'colocados' de carga semântica abstrata, funcionando como um item de função argumentativa, sugerindo gramaticalização.*

## 1) Introdução

Ao analisarmos mais detidamente as descrições contidas em algumas gramáticas tradicionais da Língua Portuguesa [BECHARA, 2004, CUNHA, 1985], de cunho normativo, é possível perceber a necessidade de se estudar os fatos da língua priorizando o uso. Pode-se notar que, em muitos casos, suas classificações não são uma ferramenta capaz de explicar o real funcionamento da língua.

Pode-se citar como exemplo das lacunas encontradas na abordagem tradicional, a postulação das classes gramaticais que é feita através de critérios heterogêneos. Para algumas classes privilegia-se o aspecto semântico, para outras o aspecto morfológico e para outras o sintático. Visto sob esta ótica, os substantivos são as palavras que designam os seres em geral (aspecto semântico) e os verbos são palavras que se flexionam nas categorias de tempo, modo, número e pessoa (aspecto morfológico)

A necessidade de multiplicidade nos critérios de caracterização e de estudo do léxico já foi apontado por Margarida Basílio [2003, p. 64], quando diz que *“um item lexical é um complexo de propriedades morfológicas, sintáticas e semânticas. Assim, sua pertinência a classes deve ser estabelecida em termos morfológicos, sintáticos e semânticos”*. Desta forma, Basílio sugere que o mesmo item lexical deva ter três entradas: a morfológica, a sintática e a semântica, o que sugere a necessidade de se reavaliar algumas classificações apresentadas pelas gramáticas tradicionais, como as apontadas no parágrafo anterior.

Além dessa reavaliação, há também a necessidade de estudos que contribuam para uma

---

<sup>1</sup> Orientadora: Tania Shepherd.

descrição gramatical da Língua Portuguesa, capaz de compreender a língua em uso. Por isso, propõe-se, neste trabalho, discutir um dos muitos tópicos relativos ao uso da língua ainda não descritos nas gramáticas normativas: o papel das assim chamadas ‘locuções, com especial atenção aos conjuntos *em frente a* e *frente a*.

É importante mencionar que, em geral, conjuntos como *frente a* não são citados nas listas de locuções prepositivas encontradas nas gramáticas tradicionais. No entanto, se contarmos o número de vezes que *frente a* aparece, por exemplo, no ano de 1994, na Folha de São Paulo, chegamos a um total de 847 ocorrências, número esse que não pode ser ignorado. Esta é mais uma razão que corrobora a necessidade de se realizar um estudo sobre as locuções prepositivas em geral, e sobre *em frente a* e *frente a* em particular já que a frequência de uso dessas formas é facilmente evidenciada em textos de norma culta em língua portuguesa.

A abordagem funcionalista foi escolhida como referencial teórico deste estudo, em função de essa conceber a língua como algo dinâmico, portanto sujeito a variações e mudanças ditadas pelo **uso**. Essa concepção é de extrema importância para o estudo que pretendo realizar, uma vez que os fenômenos que aqui são estudados evidenciam esse caráter evolutivo da língua.

Proponho com este trabalho a investigação dos co-textos (os entornos lexicais e gramaticais) e os contextos (contextos de tipo de texto e propósito social) em que aparecem *em frente a* e *frente a*. Meu objetivo é verificar se tais formas estão sendo usadas de maneira semelhante em seus co-textos e contextos), ou se *frente a* está apresentando especialização quanto ao co-texto e contexto em que ocorre.

Uma análise preliminar e não sistematizada de algumas instâncias das locuções prepositivas em tela sugere que os elementos circundantes às locuções prepositivas *em frente a* e *frente a* têm semânticas distintas. O uso de *em frente a* parece se dar em contextos em que a pessoa do discurso se encontra diante de uma barreira física. Em contrapartida, *frente a* se dá em contextos em que a pessoa do discurso se encontra diante de barreiras não-físicas.

A fim de entender o que é partir do uso para a teoria, apresentarei algumas bases teóricas da teoria funcionalista, que estuda a língua em uso e da Gramaticalização, que estuda as mudanças ditadas por esse mesmo uso.

## **2) Fundamentação Teórica**

### **2.1. Introdução**

A teoria funcionalista entende a linguagem como funcional e dinâmica - funcional porque os elementos que compõem o sistema lingüístico não podem ser separados das funções que exercem; dinâmica, pois há uma constante força a favor de seu desenvolvimento.

Dentro dessa perspectiva, o conhecimento das regras e elementos da língua não é suficiente. O falante deve ser capaz de usar a língua de uma maneira interacionalmente satisfatória. Nesse sentido, Neves [1997, p. 15] expõe que “*a gramática funcional tem sempre em consideração as expressões lingüísticas na interação verbal*”.

Segundo essa abordagem, “*são as pressões oriundas das diferentes situações comunicativas que ajudam a determinar a estrutura gramatical da língua*” [MARTELOTTA & AREAS, 2003, p 20].

A citação desses dois teóricos ecoa as posições de Malinowsky, passadas para Firth e dele para Halliday e Dijk sobre a importância do contexto no uso da língua. Essas pressões explicam a forma de certas enunciações, mas explica também por que, quando as formas não existem para expressar uma demanda do uso, novas palavras e estruturas são constantemente criadas, fazendo com que a língua esteja em constante mudança.

O interesse do funcionalismo vai além das estruturas gramaticais. No funcionalismo o contexto discursivo é essencial para explicar os fatos da língua. Acredita-se assim, que a situação comunicativa molda a estrutura que o falante usará, de maneira que a língua passa a ser descrita através das regularidades lexicais e sintáticas encontrados no ato comunicativo.

Para abranger esses processos de regularização ou padrões de uso da língua, o funcionalismo propõe os conceitos de **gramaticalização** e **discursivização**, processos que “*manifestam o aspecto não-estático da gramática, demonstrando que as línguas estão em constante mudança*” [CUNHA, COSTA & CESÁRIO, 2003a, p.50]

## **2.2. Gramaticalização e Discursivização**

Já que discursivização não é o foco central de nosso trabalho, mas faz parte da teoria de mudança, começaremos por esse processo.

Por meio dos processos de discursivização, o elemento lingüístico perde suas restrições gramaticais e assume restrições de caráter pragmático e interativo. Esses elementos passam a marcar relações entre os participantes ou entre os participantes e seu discurso, sem estabelecer necessariamente relações entre elementos da gramática. Como exemplo, temos a forma *né* que assumindo uma função de marcador discursivo pode, entre outras funções, marcar hesitações

ou reformulações, modalizar o discurso e manifestar insegurança. [MARTELOTTA, VOTRE & CEZARIO, 1996, pg. 60].

Os processos de **gramaticalização**, em contrapartida, são encontrados nos elementos que passam do discurso para gramática. Na verdade, “*quando algum fenômeno discursivo, em decorrência da frequência de uso, passa a ocorrer de forma previsível e estável, sai do discurso, para entrar na gramática*” [CUNHA, COSTA & CESÁRIO, 2003a: 50]

A **gramaticalização** tem sido estudada pelas perspectivas diacrônica e sincrônica. Através do percurso histórico, investigam-se as origens das formas gramaticais e as trajetórias de mudanças sofridas por elas. Neste processo, alguns itens se tornam gramaticais e outros aumentam seu grau de gramaticalidade. Na perspectiva sincrônica, a gramaticalização é entendida como um fenômeno sintático, discursivo-pragmático que deve ser analisada por meio da indefinição dos limites das estruturas no uso da linguagem. [cf. Brinton & Traugott, 2005]

A gramaticalização acontece em dois sentidos: ocupando-se das mudanças que atingem as formas levando-as para a gramática ou ocupando-se das mudanças que se dão no interior da própria gramática [Hopper & Traugott, 2003, p.18]. A unidirecionalidade é uma característica desse processo, já que em determinados contextos algumas formas passam a exercer outras funções gramaticais e, uma vez gramaticalizadas, continuam a desempenhar diferentes funções gramaticais. O item gramaticalizado receberá caráter mais e mais gramatical, avançando sempre nas etapas de evolução.

Através da **gramaticalização**, vocábulos que apresentam conceitos concretos passam a descrever conceitos menos concretos. Segundo Heine [2003], “*para alcançar uma comunicação satisfatória, os falantes com intuito de expressar conceitos abstratos, menos acessíveis, usam de conceitos concretos, mais facilmente acessados*”.

### **2.3. Princípios de Gramaticalização**

O processo de gramaticalização empreendido pelas formas acontece pois o uso da língua exerce forças a seu favor. Há na língua mecanismos disponíveis que ao serem aplicados geram a mudança. Não há consenso sobre a nomenclatura, mecanismos ou princípios.

Hopper (1991) propõe cinco princípios que estão em ação na língua para motivar a gramaticalização: **camada, divergência, especialização, persistência e decategorização**.

O princípio de *camadas* está ligado ao fato de formas diferentes apresentarem funções idênticas. Na realidade, a língua está em constante mudança, por isso novas camadas sempre são criadas, mas isso não significa que a camada já existente deixará de existir.

O princípio da *divergência* refere-se ao fato de uma mesma forma ter seu uso ampliado para desempenhar novas funções, e, novamente, a existência de um novo uso não significa o desaparecimento do uso original.

O princípio da *especialização* refere-se ao fato de que, em um determinado estágio, possam coexistir várias formas lexicais com diferentes nuances semânticas. Ao se gramaticalizarem há uma escolha de um número menor que passará a apresentar um significado mais geral e gramatical.

O princípio da *persistência* está ligado ao fato de que, após se gramaticalizarem, algumas palavras adquirem uma nova função gramatical mantendo alguns traços de seu significado original.

Por fim, o princípio da *decatégorização* está ligado ao fato de que formas que foram submetidas à gramaticalização tendem a perder ou neutralizar suas marcas morfológicas e privilégios sintáticos e assumirem atributos característicos de categorias secundárias, tais como adjetivo, conjunções, preposições etc.

Não há universalidade quanto à aceitação desses princípios, tanto que Votre (1992) reduz os cinco princípios a dois, *camadas* e *divergência*, com base no argumento que “*a coexistência das camadas supõe persistência das camadas originais*”; “*divergência implica especialização*”; “*persistência também supõe polissemia*” e a “*decatégorização é apenas o resultado final do processo*”.

Heine [2003, p. 579] propõem que há mecanismos inter-relacionados que podem afetar toda a estrutura dos itens lingüísticos: a semântica, a sintaxe, a morfologia e a pragmática. Este autor sugere a existência de quatro fatores: a *dessemantização*, a *decatégorização*<sup>2</sup>, a *extensão* e *erosão*

A *dessemantização*, também chamada de *bleaching*, afeta a carga semântica do item lingüístico. Heine [op. cit.] a define como a perda do conteúdo semântico. Trata-se, em outras palavras, de uma perda de sua referência concreta, o item lingüístico passa a carregar uma referência abstrata.

---

<sup>2</sup> A decatégorização foi apresentada acima, pois ela também é considerada um princípio (Hopper, 1991).

A *extensão* afeta as funções que a forma pode exercer na interação verbal. O item passa a ser usado em contextos que antes não eram possíveis. Isto não significa que o uso inicial será perdido instantaneamente, mas que diversos usos podem coexistir, podendo ou não haver uma escolha entre eles.

A *extensão* exerce um papel importante no processo em descrição, pois, com o aumento das possibilidades de uso, novas características são atribuídas à forma em gramaticalização e novas relações sintáticas e valores semânticos passam a existir por conta dos usos que se fazem dela.

A *erosão* é a perda de substância fonética. Como exemplo temos a forma verbal *está* que na linguagem oral é produzida como *tá*.

De acordo com a abordagem funcional, *existem, no texto, elementos de organização interna, que são provenientes da gramaticalização de dados espaciais, que podem, ou não, seguindo um processo escalar de abstração, expressar intermediariamente noções temporais.* [MARTELOTTA, 1996, p.197]

O quadro representativo da gramaticalização desse tipo de elemento é:



A gramaticalização ocorre através de mecanismos de natureza metafórica ou metonímica. Quando o texto é caracterizado analogicamente de acordo com as características do mundo físico, acontece um processo metafórico. Quando ocorrem relações associativas ou de contigüidade em contextos lingüísticos específicos, dá-se um processo metonímico.

Em processos metonímicos, têm-se dois mecanismos: a pressão de informatividade e a reanálise. Segundo Martelotta [2003b, p. 50], o mecanismo de pressão de informatividade é

*um processo em que, por convencionalização de implicaturas conversacionais, o elemento lingüístico passa a assumir um valor novo, que emerge de determinados contextos em que esse sentido novo pode ser inferido do sentido primeiro, independentemente do valor textual das sentenças envolvidas no processo.*

O processo de reanálise segundo Martelotta [1996, p. 203] “*é um mecanismo de mudança em que o falante reorganiza a estrutura do enunciado, reinterpretando os elementos que o compõem*”

Os processos de mecanismos referentes à metáfora e à pressão da informatividade não são incompatíveis. Na realidade, há a tendência de ocorrerem paralelamente, pois os

processos metafóricos ocorrem em situações que os estimulam.

### 3) Principais Conceitos da Linguística de Corpus

A Linguística de Corpus (doravante LC) também usada neste trabalho, pode ser vista de duas formas: como uma metodologia investigativa ou como um ramo da Linguística propriamente dito. A LC não está interessada em um texto individual, mas porque trabalha com textos digitalizados, interessa-se por uma quantidade que seja representativa para uma investigação lingüística ou autoral, que uma análise manual tornaria impraticável.

A LC tem em seu bojo vários conceitos principais com os quais trabalha. O primeiro é o da primazia do léxico. Através das listagens fornecidas por programas garimpadores de texto, também chamadas concordâncias, pode-se ter acesso a algumas características importantes dos itens lexicais. A primeira delas é a noção de ‘colocados’, ou seja, todo item lexical tem preferência por determinadas palavras que ocorrem no seu entorno, tanto a sua direita como a sua esquerda.

A palavra ‘governo’, por exemplo, uma das mais frequentes da Folha de São Paulo no ano de 1994, é usada com colocados bem específicos à sua esquerda, quais sejam *propostas*, *programas*, *equipes* e *escola*.

#### Concordance

- |       |   |
|-------|---|
| 1.684 | travasse no campo das propostas <b>de governo</b> .                                 |
| 1.685 | PSDB e o PFL preparam programas <b>de governo</b> com vários pontos em comum, o     |
| 1.686 | na composição de equipes <b>de governo</b> . Não em acadêmicos e                    |
| 1.687 | que «se ele abrisse uma escola <b>de governo</b> , eu não matricularia meus filhos, |

A segunda característica é a de prosódia semântica através da qual é possível verificar, por exemplo, que dois itens aparentemente sinônimos são usados com ‘colocados’ bem distintos. Como exemplo, pode-se citar a investigação de Hoey [1993] [*apud* Berber Sardinha,1999] na qual se traçam as diferenças e paralelos entre os itens ‘conseqüência’ e ‘resultado’, itens lexicais aparentemente sinônimos. Através de um estudo dos colocados de conseqüência, verifica-se que esse item tem colocados com conotação negativa. Assim, diz-se a conseqüência do acidente, do desastre, da elevação do custo de vida. Resultado, por outro lado, tem colocados de conotação positiva. Assim, diz-se resultado das investigações, do processo, da atividade física, etc. As prosódias semânticas de resultado e conseqüência são respectivamente positiva e negativa.

Outro conceito importantíssimo da lingüística de corpus é o de coligação. Enquanto que

o conceito de colocados expressa a preferência lexical de determinado item, coligação é a sua preferência por determinado lugar dentro da frase, dentro do parágrafo e dentro do texto.

Há ainda o conceito de kwic – **key word in context** (palavra-chave em contexto). Através das ferramentas computacionais a palavra pesquisada será evidenciada juntamente com o contexto em que ela está a inserida. Podemos ver abaixo uma ocorrência retirada do corpus de análise:

1	19Ac:Br:Enc	o acometera. Na última tira de quadrinhos assinada por Schulz, Snoopy aparece <b>em frente a</b> uma máquina de escrever
---	-------------	--

As ocorrências de uma palavra de busca (no caso ‘em frente a’) são disponibilizadas por meio de concordâncias apresentadas como tabelas. Essas tabelas contêm três colunas. A primeira contem um numeral referente ao número de série (1) da ocorrência; a segunda, no caso acima, contem a expressão 19ac:Br:Enc, referente ao ano (1900), ao registro (acadêmico), à variedade do português (Brasil) e ao nome da obra ou periódico de onde o texto foi retirado (Enciclopédia da Folha de São Paulo). A última coluna apresenta a linha de concordância da ocorrência propriamente dita.

Através dessa linha de concordância, podemos observar a expressão de busca ‘*em frente a*’, seus colocados à esquerda (aparece) e à direita (uma máquina de escrever). Podemos ver também a procedência do texto de onde a concordância foi retirada, ou seja, de uma enciclopédia escrita no português do Brasil.

### ***3.1. Ferramentas de trabalho e corpora disponíveis na Lingüística de Corpus***

Há inúmeros programas computacionais para seleção, extração, contagem e arrumação de itens lexicais em corpora eletrônicos. Neste trabalho utilizei o programa e o corpus disponível no site <http://www.corpusdoportugues.org/>, site criado por Davies e Ferreira.

O programa do site permite pesquisar palavras exatas ou frases, ‘curingas’, lemas, classes gramaticais, ou qualquer combinação desses itens. O corpus é composto por textos em língua portuguesa a partir do século XIV até o século XX. Para os textos do século XX, há uma divisão em dois corpora contendo textos de português do Brasil e o de Portugal, cada um deles contendo 4 sub-corpora contendo textos compilados a partir dos gêneros (ou registros) de ficção, acadêmico, noticiário e textos de origem falada.

Ainda utilizei o programa WordSmith Tools [Scott, 1999] para poder analisar textos do século XX. Esses textos são oriundos do jornal Folha de São Paulo, no ano de 1994, já computadorizados e disponíveis em <http://www.linguateca.pt>.

Ambos os programas (o disponível *on-line* e o Wordsmith Tools) permitem a análise de uma grande quantidade de textos que forneceram uma noção real das tendências emergentes na língua e suas proporções. Este pode ser considerado o fator diferencial do presente estudo, pois até o presente momento os estudos de gramaticalização têm focado exemplos individuais não-quantificados, com exceção do estudo de Hoffman [2006] sobre preposições em língua inglesa.

Com relação à escolha do texto, temos a dizer que a coletânea do Corpus de Português nos permite traçar a evolução de determinado item lingüístico através dos séculos e a partir de determinado gênero/registo.

### **3.2. Coleta e Análise dos Dados**

Através dos programas de análise de corpora foi possível obter listas contendo todas as ocorrências das formas investigadas, quais sejam: em *frente a* e *frente a*. As ocorrências foram examinadas por meio de seus colocados e coligados.

O exame dos colocados é pertinente porque o agrupamento de itens lexicais não é aleatório: ele acontece através de padrões facilmente perceptíveis em listas de concordâncias. Esses padrões são estabelecidos em termos de colocados (preferências semânticas) e coligados (preferências sintáticas). Desta forma, neste trabalho, investiguei somente a carga semântica desses elementos, se atuando como preposições de valor espacial se referem a barreiras físicas, ou se estão funcionando como formas de função argumentativa ao se referirem a barreiras não-físicas.

Igualmente, analisei as associações sintáticas realizadas pelas preposições em estudo, pois as preposições são elementos relacionais que unem e subordinam elementos que entram na composição de suas estruturas.

Assim, pretendo, por meio desses procedimentos, analisar os corpora com vistas a dar mais luz ao tópico estudado.

## **4) Análise dos Dados**

Extraíram-se do Corpus do Português duas listas de concordâncias contendo ocorrências de *em frente a* e *frente*: totalizando 424 ocorrências de *em frente a* e 241 ocorrências de *frente a*. Totalizam-se assim 665 ocorrências.

### **4.1. A Locução Prepositiva Em Frente a**

Observemos alguns exemplos extraídos pelo programa. Foram eliminadas abaixo as colunas de século e tipo de texto.

### Século XIX

executor supremo das ordens do chefe. Castiga a palmadas na praça, <b>em frente às</b> igrejas, aos que roubam ou vergasta as
, a ralhar no meio do sussurro da conversa. Mais longe, <b>em frente às</b> casas dos vaqueiros, a gente de curral

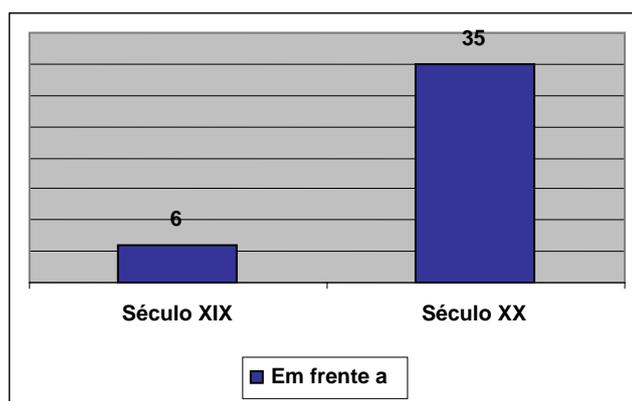
### Século XX

conhecido por nós e muito utilizado diariamente. Toda vez que você chega <b>em frente a</b> uma porta de um shopping center ou uma
entre manifestantes e a tropa de choque da Polícia Militar provocou um tumulto <b>em frente a</b> Assembléia Legislativa do Rio, perto da Bolsa

Pode-se observar através dos exemplos acima que a forma *em frente a* faz uma referência espacial. Todos os colocados à sua direita possuem carga semântica concreta (igrejas, casas dos vaqueiros, porta e Assembléia Legislativa), que aqui se refere ao prédio. Tais itens nomeiam coisas ou seres existentes no mundo.

Averigua-se, ainda, que não houve mudança nos usos encontrados durante o século XIX, século em que se evidencia seu surgimento, e no século XX. Como se pode observar por meio dos colocados ‘casas dos vaqueiros’ e ‘igrejas’ encontrados nos exemplos acima que foram retirados do século XIX.

**Gráfico 1 – Frequência de ocorrência da Locução Prepositiva Em frente a nos Séculos XIX e XX em um universo de 1 milhão de palavras**



Observa-se um crescimento considerável no número de ocorrências, contudo esse aumento não afetou diretamente para que esse item lingüístico adquirisse outras funções na língua. Os co-textos apresentados por essa locução no século XX mantêm uma referência concreta.

Examinando o elemento à luz dos mecanismos da gramaticalização propostos por Heine [2003], que são a *dessemantização*, a *decatégorização*, a *extensão* e *erosão*, pode-se concluir que a forma *em frente a* não parece estar se gramaticalizando, pois não se apresentam em suas ocorrências indícios da ação desses mecanismos: a forma apresenta um único uso; o significado mantém-se concreto, não houve perda nem de suas características categoriais nem suas características fonéticas.

#### 4.2. A Locução Prepositiva Frente a

Encontrou-se nas análises da locução prepositiva *frente a* mais peculiaridades em relação à locução anterior.

Observemos alguns exemplos:

embira, fiz a cruz que ficou na cabeça do túmulo. Rezamos, <b>frente à</b> cova, em voz alta. Entre nós
diz que, quando os salários aumentam, a mais valia tende a cair. <b>Frente à</b> ameaça da queda do lucro, pelo aumento dos salários
. Setenta e quatro por cento dos entrevistados preferem comprar o imóvel financiado, <b>frente aos</b> 26% que pretendem comprar à vista. Dos

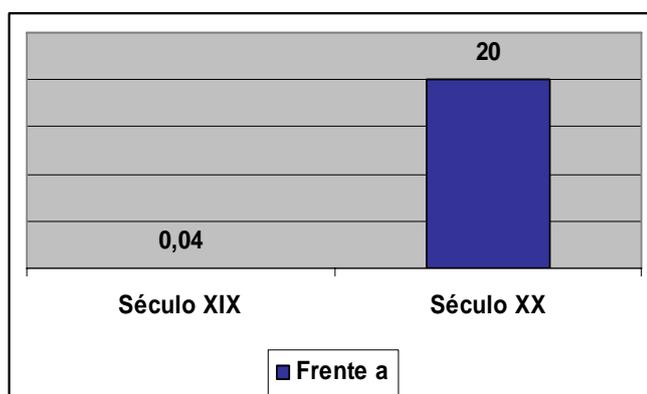
O primeiro exemplo evidencia um uso de *frente a* ligado a um colocado de valor concreto. Isso demonstra que *frente a* e *em frente a* representam ‘camadas’, segundo a classificação de Hopper [1991], pois exercem funções idênticas.

O segundo exemplo mostra *frente a* relacionado a um colocado de valor abstrato. Esse fato sugere que essa forma está em processo de gramaticalização, pois há uma transferência de sua referência do contexto situacional externo para o contexto discursivo. Além disso, pode-se verificar que há uma relação de causa sendo introduzida por meio da preposição. Para fins de comprovação, poderíamos substituir *frente a* por “por causa de” sem que houvesse prejuízo em seu significado.

Já no terceiro exemplo, encontramos *frente a* sendo usado para introduzir uma oração de comparação. Compara-se a porcentagem de entrevistados que preferem comprar um imóvel por meio de financiamento com a porcentagem de entrevistados que preferem comprar um imóvel à vista. Ele pode ser substituído pelas construções *em relação a* ou *em comparação a*.

Acredita-se que a principal metáfora que dá origem ao uso mais abstrato de *frente a* é a metáfora espaço > discurso. O texto passa a ser organizado em termos de referentes espaciais extralingüísticos, ou melhor, “a organização espacio-temporal do mundo concreto é usada para caracterizar o universo mais abstrato do texto” [MARTELOTTA, 1996, p.199]

**Gráfico 2 – Frequência de ocorrência da Locução Prepositiva Frente a nos Séculos XIX e XX em um universo de 1 milhão de palavras**



Nota-se que no século XX, século de seu surgimento, sua frequência de uso era extremamente baixa, entretanto, houve um crescimento considerável. Nesse caso, o aumento da frequência de ocorrência constitui fato importante, pois não é o único mecanismo que está afetando a forma em questão. Esse aumento está diretamente relacionado a extensão de seus usos.

## 5) Conclusões Preliminares

Neste trabalho examinamos alguns dos processos pelos quais estão passando duas locuções prepositivas, uma delas constante da listagem de Bechara [2004] e a outra nem mesmo lá mencionada.

Buscamos extrair e analisar todas as ocorrências dessas duas locuções num corpus digitalizado de 45 milhões de palavras dividido em sub-corpora contendo textos desde o século XIV. Ambas as locuções aparecem na língua no século XIX, mas em quantidades distintas: uma vez para *frente a* e 133 vezes para em *frente a*. Segundo a teoria de gramaticalização adotada neste trabalho, esta UMA ocorrência sugere a entrada na língua desta locução. No século XX notamos o aumento do uso de *frente a*, caracterizando **extensão** (aumento das possibilidades de uso). **Frente a** tem o uso relativo a lugar concreto coexistindo com um uso relativo de causa e comparação. O uso relativo a lugar concreto sugere o princípio de ‘camadas’, discutido acima.

No corpus examinado, portanto, há evidências de que a forma *frente a* está se gramaticalizando. *Frente a* aparece em construções espaciais, causais e comparativas. Tal ocorrência sugere **extensão** de suas funções. Além de apresentar uma **abstratização** de seu significado. Mais estudos necessitam ser feitos com outras locuções prepositivas

semelhantes, isto é locuções cujo substantivo contenha a noção de lugar.

## **Bibliografia**

- BASÍLIO, Margarida. *Teoria Lexical*. 7ed. São Paulo: Ática, 2003.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. São Paulo: Nacional, 2004.
- BERBER SARDINHA, Tony. *Retrospectiva: Lingüística de Corpus*. São Paulo, 1999.
- BRINTON, Laurel J. & TRAUGOTT, Elisabeth Closs. *Lexicalization and Language Change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- CUNHA, Maria Angélica Furtado da; OLIVEIRA, Mariângela Rios de & MARTELOTTA, Mário Eduardo (orgs.). *Lingüística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- CUNHA, Maria Angélica da, COSTA, Marcos Antônio & CESÁRIO, Maria Mauro. Pressupostos teóricos fundamentais. In CUNHA, Maria Angélica Furtado da; OLIVEIRA, Mariângela Rios de & MARTELOTTA, Mário Eduardo (orgs.). *Lingüística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003a.
- HOFFMAN, Sebastian. *Grammaticalization and english complex prepositions: a corpus based study*. London: Routledge, 2005.
- HOPPER, Paul. On some principles of grammaticalization. In: TRAUGOTT & HEINE (ed.) *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Pub. Co., 1991.
- \_\_\_\_\_ & TRAUGOTT, Elizabeth Closs. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- LUFT, Celso Pedro. *Dicionário prático de regência nominal*. São Paulo: Ática, 1992.
- MARTELOTTA, Mário Eduardo. *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; UFRJ - Departamento de Lingüística e Filologia, 1996.
- MARTELOTTA, Mário Eduardo, VOTRE, Sebastião José & CESÁRIO, Maria Maura. O paradigma da gramaticalização. IN Martelotta, Mário Eduardo, Votre, Sebastião José & Cesário, Maria Maura (orgs). *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; UFRJ - Departamento de Lingüística e Filologia, 1996.
- MARTELOTTA, Mário Eduardo. Gramaticalização em operadores argumentativos. IN Martelotta, Mário Eduardo, Votre, Sebastião José & Cesário, Maria Maura (orgs). *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; UFRJ - Departamento de Lingüística e Filologia, 1996.
- MARTELOTTA, Mário Eduardo & AREAS, Eduardo Kenedy. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: CUNHA, Maria Angélica Furtado da; OLIVEIRA, Mariângela Rios de & MARTELOTTA, Mário Eduardo (orgs.). *Lingüística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- NEVES, Maria Helena de Moura. *A gramática funcional*. São Paulo: Martin Fontes, 1997.
- SCOTT, T. *Wordsmith Tools versão 3*. Oxford: Oxford University Press, 1999

VOTRE, Sebastião. *Lingüística Funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Departamento de Lingüística e Filologia, 1992.